

EDITÓRIAL

MÉTODOS: QUALIDADE, QUANTIDADE E O VITAL

*“A vida é o conjunto de forças
que resistem à morte.”*

Xavier Bichat

Com orgulho e alegria apresentamos o Volume 84, número 2, da “Revista de Homeopatia” da APH. Neste número trazemos um texto de Hahnemann inédito na língua portuguesa: “A Maravilhosa Concepção da Mão Humana”, monografia elaborada aos 20 anos de idade e que já nos dava pistas e indícios das características que viriam a florescer e se desenvolver em nosso autor.

Na sequência um trabalho importantíssimo, não seria exagero qualifica-lo de *breakthrough*, de autoria de Flavio Dantas, cujo título é: “Ensaio clínico de pacientes únicos em homeopatia”. Nele, Dantas, didática e meticulosamente, demonstra como se pode montar um instrumento epidemiológico de pesquisa onde será possível aferir a eficácia e desfecho de um acompanhamento clínico com apenas um único paciente.

Em seguida dois artigos com reflexão epistemológica: o artigo de Rosana Nechar, “A Consulta Homeopática: Uma Reflexão Epistemológica”, e em seguida “Hahnemann, retrospectivo e prospectivo: que atualidade é essa?” deste editor.

Alguns artigos que aportam casos clínico como “Princípios de Hahnemann no tratamento de um quadro agudo: Relato de caso” por Rezende Abrahão e A Homeopatia na oncologia pediátrica: é possível? uma série de casos, por Bruno Coutinho de Oliveira. E uma revisão: Impacto da Homeopatia nos cursos de graduação em medicina: uma revisão sistemática por Lopez Fidalgo et al.

Por fim, todos os resumos dos trabalhos submetidos no último CBH abaixo listados

Título: A homeopatia como a arte de cuidar em saúde – Análise da Percepção dos usuários do SUS sobre o trabalho de homeopatia na cidade de Macaé/RJ. **Autores:** Laila Aparecida de Souza Nunes, Rafael Nunes Catão.

Título: O uso do WhatsApp como auxiliar no ensino e na aprendizagem da Homeopatia. **Autores:**

Erico Dorneles, Maurício Fernando Nunes Teixeira, Universina Nunes de Oliveira Ramos, Thais Queiroz Rebello.

Título: evolução de paciente com fibrose pulmonar e depressão após uso de *Beta vulgaris* CH30 (beterraba), medicamento da autoexperimentação. **Autores:** Juliana Lage de Araujo, Ana Luisa Beier Ciravegna, Ítalo Márcio Batista Astoni, Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Mônica Beier, Carlos Roberto Esquerdo, Ana Maria Rebouças Rodrigues.

Título: Reconhecimento terapêutico com *Sinapis alba*. **Autores:** Mônica Beier, Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Ana Luísa Beier Ciravegna, Priscila Maria Caligiorne Cruz, Paloma Álister Vilela da Silva.

Título: Análise do grau de empatia em residentes de homeopatia de um hospital público de Minas Gerais. **Autores:** Mônica Beier, Edson Detregiachi Neto.

Título: autoexperimentação e reconhecimento clínico de *Helianthus annuus*. **Autores:** Ana Luísa Beier Ciravegna, Mônica Beier, Ítalo Márcio Batista Astoni Júnior, Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, César Nunes Nascimento.

Título: a experiência clínica com a autopatogenia de *Oryza sativa*. **Autores:** Ana Luísa Beier Ciravegna, Mônica Beier; Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Priscila Maria Caligiorne Cruz, Paloma Álister Vilela da Silva.

Título: Características de médicos egressos de curso de Pós-Graduação stricto sensu em Homeopatia. **Autoras:** Marcia Sacramento Cunha Machado, Mônica da Cunha Oliveira, Mary Gomes Silva.

Título: Deficiência de IgA, Autoimunidade e Sico-se. **Autores:** Davisson do Sacramento de Lucena Tavares, Isabela Sebusiani Duarte Takeuti, Silvia Grosso Esher, Maria Filomena Xavier Mendes, Maria Solange Gosik Straforini.

Título: Análise médico homeopática do tipo constitucional do personagem Riobaldo Tartarana do romance de João Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredas. **Autor:** Luiz Carlos Esteves Grelle.

Título: Homeopatia e o Trabalho em rede interseccional: cuidados sistêmicos no tratamento do Transtorno do Espectro Autista. **Autores:** Maria Solange Gosik, Vanini Mandaj, Maria Filomena Xavier Mendes, Isabella S.D.Takeuti, Daniele da Silva Barbas, Leticia Marilia de A. Werneck dos Santos.

Título: Ciência hipocrática, método homeopático puro e a demonstração da práxis homeopática por meio de modelo de registro em prontuário da Residência de Homeopatia de Betim/MG. **Autores:** Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Mônica Beier, Ítalo Márcio Batista Astoni Júnior, Ana Luísa Beier Ciravegna; Juliana Lage de Araujo.

Título: Corticoterapia e a criança que ainda chia: Transtorno do Espectro Autista (TEA), outros sofrimentos e a Homeopatia. **Autora:** Cláudia Prass Santos.

Título: Homeopatia, êxito terapêutico, direito cidadão-paciente e dever do estado. **Autores:** Ítalo Márcio Batista Astoni Júnior; Mônica Beier, Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Ana Luísa Beier Ciravegna, César Nunes Nascimento.

Título: A influência do ambiente pandêmico na produção de medicamentos homeopáticos com indicação em casos de Covid 19 em um Serviço de Autopatogenias. **Autores:** Carlos Roberto Messeder Esquerdo, Ítalo Márcio Batista Astoni Júnior; Mônica Beier, Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Ana Luísa Beier Ciravegna.

Título: O desafio da desobstaculização da saúde em Homeopatia diante de uma evolução curativa após prescrição do símile suficiente. **Autores:** Carlos Roberto Messeder Esquerdo, Ítalo Márcio Batista Astoni Júnior, Mônica Beier, Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Ana Luísa Beier Ciravegna.

Título da submissão: Ciência hipocrática, método homeopático puro e demonstração da práxis homeopática na Residência de Homeopatia de Betim/MG. **Autores:** Rodrigo Leonardo Goulart Gonçalves, Mônica Beier, Ítalo Márcio Batista Astoni Júnior, Ana Luísa Beier Ciravegna, Maria Cecília Santos.

Como se sabe a primeira teoria médica conhecida era a tóxica: o veneno que vinha de fora era o principal responsável pelo adoecimento. Pois mesmo num ambiente como o que hora vivemos aqui no Brasil não poder ser descartada a hipótese de que uma peçonha psíquica externa esteja sendo injetada no ar, neste momento exato, através das redes sociais, no ciberespaço e também fora dele. Nada de novo. O psiquiatra alemão Wilhelm Reich já diagnosticara a existência de uma espécie de “peste emocional” presente no “éter”. Esta “praga” psíquica foi apelidada de peste propositalmente, e ela pode ser tão ou mais nociva que uma epidemia de peste bubônica, tifo ou febre amarela.

E o que aprendemos com a tradição vitalista? Que a susceptibilidade é o aspecto mais determinante – ainda que não o único -- para desencadear o adoecimento e também deve ser levado em consideração para estimar qual deve ser o caminho de cura/recuperação. Que a primeira perturbação detectável pela natureza do cérebro e do sistema nervoso central se reflete primeiramente no estado anímico das pessoas. A primeiríssima afecção acontece na disposição física e no estado psíquico, e isso é particularmente notável em crianças. Em geral, traduz-se por sensações pouco objetivas e, às vezes, de difícil detecção semiológica.

Dai a semiologia que aprendida em faculdades de medicina e ciências da saúde ser rigorosamente insuficiente para diagnosticar o mal estar sub clínico (illness) que antecede o aparecimento e desenvolvimento da própria moléstia (disease). E é precisamente neste momento que as medicinas integrativas -- como uma modalidade de medicina preventiva -- poderiam ajudar as pessoas e impedir a hiperconcentração em atendimento terciário em hospitais e clínicas de especialidades. O atendimento de alta complexidade ficaria para a maior parte dos casos agudos e emergências, e assim sobriariam recursos humanos e capacidade para intervir e cuidar das moléstias crônicas.

Outro aspecto crítico que as ciências da saúde deve reconhecer é que, apesar da fala e da narrativa se mostrarem como elementos semiológicos pertinentes e úteis existe uma enorme dificuldade para que os clínicos reaprendam a valorizar o que apreendem destas narrativas. E neste aspecto a homeopatia tem muito a contribuir. Para saber qual lado do corpo é mais atingido? Qual a finalidade de registrar sonhos? O que significam as sensações fugazes como “sensação de corpo desmanchando” “cabeça leve”, “do meu ouvido direito sai um vento” “a insônia piora depois das 3 horas da madrugada” “dor de cabeça como se alguém estivesse rosqueando um

parafuso na testa” “se como chocolate é como se meu rosto desaparecesse” “sinto tontura quando ouço barulhos altos” ou “quando vejo noticiário político minha boca espuma”. Fora este último, todos os outros foram extraídos de narrativas reais, de experimentadores que expuseram seus sintomas a quem conduziu as experimentações. São as chamadas idiossincrasias, aquelas que mais individualizam os problemas clínicos das pessoas.

Estavam inventando? Não. Exageraram? Não importa, pois não existe mentira na clínica. Mesmo se uma criança diga que ela não gosta de peixe e sua mãe, espantada, afirma que quase muito raramente este alimento é oferecido em casa. A aversão ao peixe deve ser levada em consideração, já que a linguagem expressa o imaginário. Evidentemente é preciso avaliar o contexto, mas ele possui uma realidade em si. Independentemente da checagem dos fatos.

No entanto, estes elementos parasitas vale dizer, colaterais ou aparentemente insignificantes para uma propedêutica que não leva em consideração a necessidade de individualizar cada sujeito enfermo são essenciais. Não somente para fazer valer o poderoso efeito catártico da consulta, mas também para adensar o conhecimento de cada pessoa enferma: como cada um adocece e como cada um recupera convalesce e recupera a saúde. Pois Samuel Hahnemann, muito tempo antes do médico alemão Otto Schwartz em seu “Psicogênese dos sintomas corporais” fazia as devidas correlações entre as emoções/estado anímico e psiquismo e as perturbações na saúde.

Mas isso valeria, também, para avaliar o contexto do aparecimento dos sintomas. E tudo isso depende de que? Da linguagem, dos sintomas comunicados através da fala. Outro aspecto que precisa ser desenvolvido é investigar melhor como ocorrem as curas. Pesquisadores notaram que a maior parte dos estudos epidemiológicos são destinados a compreender como as doenças surgem e evoluem, mas são bem mais raras investigações científicas que tentam apreender como elas são curadas.

Vivemos em mais um momento conturbado para a homeopatia, os ataques sistemáticos que ela vem recebendo são sinais indiretos de que ela é não apenas incomoda, mas ameaçadora. E ela é incomoda na medida em que tem se consolidado como especialidade médica e principalmente porque vem sendo cogitada como uma forma de atendimento primário à saúde pelos sistemas públicos de saúde em vários países.

Entretanto sua validação depende não só das pesquisas – que avançam mesmo sem os subsídios que as outras áreas de pesquisa recebem – mas, essencialmente da adoção de medidas como: 1- Reconhecer a homeopatia como um sistema científico aberto. 2- Adotar um programa de pesquisas que associe a clínica aos estudos qualitativos (como questionários de qualidade de vida em saúde, ensaios clínicos de pacientes únicos, estudos observacionais e mesmo estudos populacionais e de coorte) 3- Não abandonar o eixo empírico, isto é, valorizar a experiência clínica que sempre a caracterizou como procedimento científico. 4- Persistir nas pesquisas básicas tornando a transdisciplinaridade normativa e associando-se à física e à nanotecnologia para aumentar (pois já existem indícios) o conhecimento e acumular as evidências do mecanismo de ação dos medicamentos e doses infinitesimais. 5- Incorporar as propostas de inovação sem se render aos modismos e às técnicas que, de alguma forma, descuidam do núcleo duro e da epistemologia homeopática. 6- Manter as perspectivas metodológicas e filosóficas propostas por Hahnemann, porém evitando culto à personalidade que obstaculiza o debate. Não esquecer que nenhum mestre ou método pode estar acima da crítica, aliás é graças a isso é possível aprender através da experiência.

Boa leitura a todos.

*Paulo Rosenbaum
Editor da Revista de Homeopatia da APH*